

## No mínimo, um fenômeno

Lançamento em cd da discografia completa do Rumo dá o que pensar sobre a singularidade desse eterno “grupo novo”

Guilherme Wisnik

*Chegando em 2004, o grupo festejou os 30 anos de sua independência/ E pela primeira vez nas rádios de audiência/ Os locutores gritando: “é um grupo novo!!!/ É singular!/(Em que ano que foi?).* Com esses versos da canção *Release*, última do álbum *Caprichoso* (1985), Luiz Tatit desfecha e alinhava com boa dose de humor e premonição a autobiografia do grupo Rumo, do qual foi um dos principais intérpretes e compositor.

Para o público que lotou o Sesc Pompéia, em São Paulo, onde se realizaram os três shows de lançamento da discografia completa do grupo em cd, foram noites de delírio que trouxeram à memória outras vividas nos anos 1970 e 1980, naquele mesmo teatro e nos finados Espaço Off, Espaço Mambembe e Lira Paulistana. Isso porque, além do fato concreto (e histórico) de que o grupo se reunia novamente após mais de uma década de ausência, os longos anos “sem Rumo” deram ao conjunto uma espécie de lugar canônico no universo da música paulista. O que não deixa de ser uma ironia a mais contida na canção *Release*, que só pode ser percebida inteiramente hoje, 30 anos passados desde a fundação do Rumo.

Símbolo, ao lado de Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção, da vanguarda “independente” paulistana nos anos 1980, o Rumo notabilizou-se pela dicção anti-lírica do canto falado, operada pelo frequente recurso à paródia e à auto-ironia. Essas características, tornadas aqui experimentalismo, eram no entanto releituras de procedimentos clássicos – tanto dos sambas cariocas antigos, de

Noel Rosa e Lamartine Babo, quanto do canto silábico e entoativo de João Gilberto. Porém, enquanto em Arrigo, por exemplo, o experimentalismo sonoro apontou para um jogo entre futurismo de quadrinhos e dodecafonismo, toman-

do o cosmopolitismo ruidoso de São Paulo como o motor de dissonâncias, no Rumo essa filtragem histórica combinou-se com uma prosa intelectualizada uspiana, por um lado, e com um intimismo coloquial e quase interiorano dos bares da Vila Madalena ou dos debates no Colégio Equipe, por outro.

Por isso mesmo, o mais importante a se destacar é que essas dimensões não estão separadas na dicção poética do Rumo. Ao contrário, sua singularidade está exatamente nessa combinação feliz, que permite que um grupo com canções que pedem uma escuta tão exigente do ponto de vista semântico e sonoro, visto por muitos como excessivamente mental ou acadêmico demais, termine por fazer sucesso com o público infantil. Nesse entre-lugar reside toda a beleza e toda a dificuldade das canções do Rumo.

**Eterno grupo novo** Mas teria ficado por fim datado seu projeto estético, preso a um momento histórico que não existe mais e a uma cidade que se transformou muito? Essa, claro, era uma pergunta que o público devoto carregava consigo para as cadeiras do Sesc Pompéia, sem coragem de formulá-la. Afinal, os dilemas fundamentais do Rumo, que o condenavam e o consagravam como um eterno “grupo novo”, estiveram sempre ligados aos antagonismos de uma época de intensa

polaridade entre grandes gravadoras e produtores independentes, ou entre músicas que tocavam ou não tocavam nas rádios. Hoje, nós sabemos, esse quadro se dissolveu, a ponto da cantora Ná Ozzetti, grande intérprete do grupo, vir

a ser premiada no Festival da Globo (2000) com a canção *Show*, de Luiz Tatit e Fábio Tagliaferri, que pode ser vista a um só tempo como uma condensação lírica e uma inversão de *Delírio, meu!* (do disco *Caprichoso*, 1985).

Começado o show, no entanto, percebemos que a pergunta ficará sem resposta, ou em suspenso, e nos rendemos à constatação de que o Rumo não envelhece na exata medida em que não se transforma. Em última análise, o sentido mais profundo das suas canções está



Grupo Rumo / Divulgação

nessa programática resistência às inúmeras formas de mudança, como na situação do sujeito que se descontrola ao ver removidas todas as manchas das paredes e do piso do escritório em que trabalha (*Dia útil*), ou na história do cara que não vê os dias passarem enquanto lustra o seu carro (*Caprichoso*), ambas de Zecarlos Ribeiro. Mas essa resistência, é bom que se diga, não é estagnante ou regressiva. O Rumo não envelhece porque acaba junto com o seu tempo. Por isso Luiz Tatit fez uma canção literal, chamada *Essa é pra acabar*, em que propõe romper o cordão umbilical formado entre platéia e músicos, fãs e ídolos, nos permitindo voltar para casa crescidos, apesar de iguais. Esse é o grande encanto do Rumo: ser um testemunho geracional tão fundo que pôde, com o tempo, tornar-se atemporal. Ou, em outro registro: “novo de novo”, e singular! ■

Guilherme Wisnik é músico, arquiteto. Autor do livro *Lucio Costa* (São Paulo, Cosac&Naify, 2001).

### DISCOGRAFIA

*Rumo aos Antigos* [1981] R\$ 26,90

*Rumo* [1981] R\$ 21,90

*Diletantismo* [1983] R\$ 21,90

*Caprichoso* [1985] R\$ 21,90

*Quero passear* [1988] R\$ 19,90

*Rumo ao vivo* [1992] R\$ 23,90

Distribuidora *Independente/Trama*